



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6689 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 22 - Educação Ambiental

## MUDANÇA CULTURAL PROVOCADA NAS RELAÇÕES SOCIEDADE E NATUREZA E DE GÊNERO

Mylene Nogueira Teixeira - UENF - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE

### MUDANÇA CULTURAL PROVOCADA NAS RELAÇÕES SOCIEDADE E NATUREZA E DE GÊNERO

Segundo resultados de pesquisa recente realizada no sertão semiárido, Pajeú, onde predomina a agricultura familiar, foi possível identificar mudanças nas práticas culturais das mulheres agricultoras. Tais práticas incidem tanto no modo de cultivo, na apropriação dos recursos naturais, quanto na divisão do trabalho, sobretudo no que concerne as relações de gênero. As primeiras estão relacionadas as técnicas de cultivo de hortas e criação de pequenos animais, de um modo mais apropriado ao meio ambiente semiárido, cujas principais características são o baixo índice pluviométrico e solo raso. As segundas desdobram-se a partir da autonomia das agricultoras e com isso a ascensão do protagonismo feminino na produção familiar.

A agricultura familiar no sertão do Pajeú se constitui ao longo dos séculos como uma atividade subordinada a agropecuária extensiva, a qual desdobra-se a partir dos séculos XVII e XVIII e foi acompanhada com o extermínio da população original. Nos séculos seguintes agregaram-se as atividades de agropecuária as monoculturas de algodão, milho e cana-de-açúcar. Diante de tal contexto a ideia de combate à seca se materializa associada as políticas desenvolvimentistas em estruturas de Estado.

Por outro lado, as pequenas produções, não eram consideradas relevantes, pois não geravam lucro. Tradicionalmente, a agricultura familiar tem uma clara divisão do trabalho, onde a mulher se limita ao trabalho do lar, a roça nos quintais e a criação de pequenos animais. Os homens se ocupam com o trabalho assalariado, com gado e/ou monoculturas.

No início do ano 2000 intensificou-se uma polinização de conhecimento elencado a novas formas de cultivo apropriadas ao meio ambiente semiárido. Processo esse que se desdobrou através de Políticas Públicas Federais e Estaduais, com financiamento de fundos nacionais e internacionais. Contou-se, ainda, com a participação de organizações da sociedade civil, como ONGs e associações. No bojo desse processo houve uma distribuição de infraestrutura adequada para a produção no semiárido em sítios de pequenos agricultores. Tal conjunto de ações contribuíram para romper com a predominância da cultura desenvolvimentista de combate à seca e deram lugar a ascensão de novas formas de organização da produção, associada a ideia da convivência com o semiárido.

Atualmente, o referido espaço social conta com IDH (0,6), índice considerado normal. Apesar de persistirem ainda o acesso precário da população, desprivilegiada economicamente, à educação de qualidade, assim como acesso ao sistema de atenção básica a saúde.

Dito isso, as principais questões da presente investigação tiveram como objetivo principal: identificar e apreender as principais disposições culturais relacionadas as relações com o semiárido incorporadas pelas agricultoras. Sobretudo, aquelas que contribuíram para as referidas transformações locais. A metodologia baseia-se na observação do processo de socialização (BOURDIEU, 1996), a qual foi apropriada na presente investigação para análise das práticas culturais dos agrupamentos sociais de mulheres agricultoras. Além disso, complementa esse trabalho uma confrontação com as análises de perfis, com inspiração em Bernard Lahire (2002) conduzida com sete agricultoras em seus sítios. As estruturas socializadoras dos agrupamentos estudados foram as ONGs de assistência técnica para mulheres agricultoras, assim como sua respectiva associação (AMNE). As estruturas socializadoras para a análise dos perfis foram os sítios e as famílias das agricultoras.

### *Investigação e resultados*

O agrupamento de mulheres estudadas reúne as fundadoras da Associação de Produtoras Rurais, chamada AMNE. Por serem as fundadoras e carregarem consigo um conjunto de capitais culturais, por isso foram denominadas na presente investigação de líderes intelectuais. Os referidos capitais culturais foram incorporados pelas líderes tanto ao longo de suas experiências profissionais em ONG de Assistência Técnica Rural especificamente para mulheres, como suas respectivas formações no ensino formal. Assim, elas exercem liderança entre as demais integrantes da associação de agricultoras.

Depois de fundar a associação as líderes perderam sua mentora Maria e com isso foram destituídas do seu principal capital social, tendo em vista que Maria era a pessoa que fazia o elo entre as líderes com outras entidades, sobretudo, aquelas que provinham o financiamento dos projetos da associação. Com a ausência de Maria, as líderes não têm conseguido manter o ritmo de projetos aprovados, tampouco alçar novas possibilidades para prover a associação. Diante de tais resultados é possível aferir, primeiramente, as consequências de uma precária formação formal, a qual mesmo presente em forma de títulos, são insuficientes em seu conteúdo. Além disso, desvela também que o acesso aos recursos de financiamento de projetos para as pequenas agricultoras locais é um denso campo de conflitos, onde se condensam relações de poder. Consequentemente, tornou-se um campo de controle de recursos tanto de capital financeiro, quanto de capital cultural legitimado. Esse último, apropriado das experiências das agricultoras em seus quintais, sistematizado em projetos e com isso agregando um valor de capital cultural legitimado

Interessante, ainda, ressaltar, que as líderes são mulheres que têm relações estáveis com homens e não tem filhos, mantêm os seus sítios com produção de subsistência. São mulheres que vivem de seus salários, procuram ascensão profissional, e conquistaram dessa forma certa segurança social, fora do âmbito familiar. As líderes consideram-se feministas.

Para a análise de perfis das agricultoras foram selecionadas sete mulheres, que participam enquanto receptoras dos projetos das ONGs, além de serem, também membros da associação AMNE.

Todas são casadas e têm filhos. As mais jovens, ao todo três (30-38 anos em 2017), têm um filho e as outras duas têm três filhos, respectivamente. As agricultoras mais velhas, contam quatro mulheres, têm entre 50-54 anos (2017). Seus filhos, homens e mulheres têm entre 20 e 35 anos. A maioria, não tem filhos e nenhuma relação afetiva estável. Assim, a divisão do trabalho da agricultura familiar nesses sítios é diferente, pois não obedecem mais aos mesmos padrões tradicionais de uma família nuclear. Nota-se evidências de uma reorganização na divisão do trabalho na produção familiar dos agrupamentos estudados. O roçado e criação de pequenos animais tornaram-se atividades predominantes nos sítios, não mais um espaço somente das mulheres. A reorganização da agricultura familiar provocou também uma mudança de paisagem local, pois os sítios têm mais vegetação. Além disso, os sítios são muito bem equipados com infraestrutura adaptada ao semiárido. Individualmente, as agricultoras são mulheres autônomas, com exceção de uma, que sofre com depressão e conta com a solidariedade das outras mulheres, vizinhas. A análise de perfis desvela, dentre outras coisas, que estão presentes outras instâncias socializadoras que contribuem para mudar o cenário daquele espaço social, são elas: a igreja, o assentamento da reforma agrária, as famílias dessas agricultoras, assim como o sindicato de mulheres agricultoras.

Diante do exposto, é possível identificar uma mudança cultural provocada no sertão do Pajeú, mas sem a participação efetiva de instâncias formais de educação e saúde. Tais mudanças, portanto, provocaram um rompimento no ciclo de pobreza, mas não se pode considerar o suficiente para impulsionar o desenvolvimento sustentável.

#### **Palavras chave:**

Socialização, Habitus, Disposições Culturais, Dominação da Natureza, Dominação Masculina.

#### **REFERÊNCIAS:**

**BOURDIEU**, Pierre. *Razões Práticas. Sobre a teoria da ação*. Tradução Mariza Corrêa-Campinas: Papyrus, 1996.

**LAHIRE**, Bernard. *Reprodução ou Prolongamentos Críticos? Educação e Sociedade*, ano XXIII, nº 78, abril, 2002.

